



Divulgação/SOS Mata Atlântica



SOS MATA ATLÂNTICA:
De olho no futuro das florestas

CABREÚVA: Crianças aprendem a recuperar as matas ciliares

Divulgação



Divulgação/AES Tietê



Empresa tem metodologia de MDL aprovada pela ONU



JORNAL MataCiliar

Ano 1 • Edição nº 8 • Dezembro 2007

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

www.ambiente.sp.gov.br

ENTREVISTA

Jaeder Lopes Vieira

“Não é tão simples recuperar a qualidade da água, pois demanda tempo. Mas o importante é que é possível...”

Maior agilidade no licenciamento ambiental

A criação da Agência Ambiental Paulista para unificar o licenciamento ambiental no Estado de São Paulo vai tornar o processo mais rápido e eficiente. Para que as equipes responsáveis possam atuar em conjunto, agências estão sendo inauguradas e órgãos responsáveis pelos licenciamentos ambientais passam a funcionar nos mesmos endereços e a atuar na mesma região.

Segundo Helena Carrascosa, da Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SMA), “fazer gestão ambiental de forma compartimentada é um equívoco, pois a análise precisa ser integrada. Temos buscado essa integração ao longo dos anos, mas esta gestão assumiu o desafio de unificar o processo”.

Atualmente, há quatro órgãos que cuidam dos licenciamentos ambientais: o Departamento Estadual de Proteção dos Recursos Naturais (DEPRN), responsável pela parte florestal e que atua com a Polícia Ambiental; o Departamento de Avaliação de Impacto Ambiental (DAIA), que faz

a análise dos estudos de impacto ambiental; o Departamento de Uso do Solo Metropolitano (DUSM), responsável por aplicar a Lei de Proteção de Mananciais; e a Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb), que licencia potenciais fontes de poluição. Os três primeiros órgãos estão ligados diretamente à Coordenadoria de Licenciamento Ambiental e a Cetesb, embora ligada à SMA, é uma empresa da administração indireta.

O licenciamento ambiental é um procedimento pelo qual o órgão ambiental competente permite a localização, instalação, ampliação e operação de empreendimentos e atividades que utilizem recursos ambientais e que possam ser consideradas efetiva ou potencialmente poluidoras ou daquelas que, sob qualquer forma, possam causar degradação ambiental. O objetivo é garantir medidas preventivas e de controle compatíveis com o desenvolvimento sustentável.

“Em São Paulo, há casos, porém, em que mais de um desses órgãos precisam li-

Com a criação da Agência Ambiental Paulista, os maiores beneficiados serão os cidadãos que precisam de licenciamento ambiental, pois o processo será mais rápido e menos burocrático

ciar o mesmo empreendimento. Alguns passam pelos quatro. No entanto, cada um aplica uma lei e, às vezes, cada um fala uma coisa”, conta Helena. O projeto para criar a Agência Ambiental Paulista, que será a junção dos três departamentos e da Cetesb, e com a competência de licenciar tudo, será encaminhado à Assembléia Legislativa em meados de 2008.

Os maiores beneficiados serão os cidadãos que precisam de licenciamento ambiental, pois o processo será mais rápido e menos burocrático. “Teremos equipes multidisciplinares, que deverão chegar a uma decisão única, levando todos

os fatores em consideração”, diz a coordenadora.

Fernando Rei, presidente da Cetesb, informa que a unificação é uma demanda dos setores produtivos e de meio ambiente. “Com um pé na administração indireta, por meio da Cetesb, e outro na direta, pelos departamentos da SMA, o licenciamento acaba passando por estruturas diferentes”. Segundo ele, a nova Agência deverá ficar sob a administração indireta. “Vamos reunir os departamentos numa só organização, a partir do que hoje é a Cetesb.”

Rei lembra que ainda existem nós técnicos, financeiros, jurídicos, culturais e burocráticos a serem desatados para viabilizar a mudança, mas, nesse primeiro momento, estão sendo resolvidas questões relativas à estrutura física, aos recursos humanos e procedimentos, por meio da reunião das equipes do DEPRN, DUSM, DAIA e Cetesb na mesma área física, trabalhando de forma multidisciplinar e estratégica, para depois criar a estrutura formal por intermédio de projeto de lei.



Fotos: José Jorge

Equipes da Cetesb, DEPRN, DAIA e DUSM, que cuidam de processos de licenciamento ambiental, passam a atuar juntos, de forma integrada

Para viabilizar essa união, foram realizados estudos de demanda para reagrupar as áreas de atuação, que não coincidiam, e sua organização. Nessa fase, cada departamento continua com suas atribuições, apenas os processos não precisarão andar de um local para outro na hora de conseguir diferentes pareceres. As 80 agências (35 agências regionais da Cetesb, 40 do DEPRN e 5 do DUSM) serão transformadas em 56. “Mas, na prática, cada departamento estará presente em mais áreas do que hoje”, ressalta Helena Carrascosa.

Até o momento, foram

inauguradas treze agências, mas todas as 56 deverão estar funcionando até maio de 2008. “Essa unificação física é um primeiro passo, mas imprescindível para a construção da futura Agência Ambiental Paulista. Já nesta fase, haverá 30% de redução do tempo gasto no licenciamento, em primeiro lugar, porque o processo não precisará mais caminhar de um lugar para outro e, em segundo, porque haverá uma descentralização, com maior autonomia para as agências, que vão poder decidir localmente. Não é tudo que precisará vir para São Paulo”, afirma Rei. ▀

Em 2008, o governador José Serra enviará à Assembléia Legislativa um projeto de lei para unificar o processo de licenciamento ambiental



Reprodução

De olho no futuro

Dois programas de restauração florestal, desenvolvidos pela Fundação SOS Mata Atlântica, já possibilitaram o plantio de mais de cinco mil hectares, com mais de 10 milhões de mudas produzidas por 27 viveiros. Outras cerca de 15 milhões de mudas encontram-se contratadas e num banco de árvores, para serem plantadas nesse ciclo das chuvas de 2007/2008.

O primeiro desses programas é o Clickarvore, iniciado em 2000, para que cidadãos doassem árvores pela internet com patrocínio da iniciativa privada. Nele, a cada clique que é dado no site do programa (www.clickarvore.com.br), uma muda de árvore nativa de mata atlântica é doada a pessoas com áreas a serem reflorestadas. Neste caso, a SOS Mata Atlântica orienta e acompanha o plantio.

No Florestas do Futuro, lançado em 2003, a entida-

de ambientalista é a responsável por todas as etapas do plantio das mudas: da captação de recursos (também com a iniciativa privada), à seleção de áreas e à aquisição de mudas, até o plantio e as vistorias por três anos. Além disso, o Florestas do Futuro enfoca a proteção de matas ciliares em áreas de mananciais, nas bacias do Alto e Médio Tietê, Tibaji e Paraíba do Sul, favorecendo a conservação da biodiversidade e ações de educação ambiental. As bacias foram escolhidas devido ao estado crítico de conservação das áreas de manancial e da cobertura vegetal e ao grande número de pessoas beneficiadas com as ações e parcerias institucionais já estabelecidas pela SOS nessas regiões. O programa já possibilitou o plantio de mais de 818 mil mudas, e cerca de 390 mil foram para a terra, no último ciclo das águas, entre novembro de 2006 e maio de 2007, em cidades como Sa-

lesópolis (SP), Mendes (RJ) e Uberlândia (MG).

Adauto Tadeu Basílio, diretor de captação de recursos da Fundação, conta que os programas resul-

As pessoas estão se conscientizando para a importância de recuperar a floresta, o que vem facilitando a mobilização

tam de uma parceria da SOS com empresas, cidadãos, proprietários de terras e técnicos. “Criou-se uma cultura entre as pessoas da importância de recuperar a floresta, ainda

mais com os alertas para a falta de água e para as mudanças climáticas, o que facilita cada vez mais a mobilização de pessoas e as parcerias.”

Segundo Basílio, “o sucesso do Clickarvore, em que só doamos as mudas e prestamos assistência técnica, nos levou a buscar novas formas de incentivo à restauração florestal, pois muitos proprietários não têm como executar e manter o plantio. Assim, no Florestas do Futuro (www.florestasdefuturo.org.br), já contamos com a adesão de mais de 50 empresas, com a idéia de recuperar áreas estratégicas”, explica. ▶



Florestas do Futuro enfoca a proteção de matas ciliares



A cada clique que é dado no www.clickarvore.com.br, uma muda de árvore nativa é doada a pessoas com áreas a serem reflorestadas

Exemplos de projetos

Um dos beneficiados pelo Clickarvore da SOS Mata Atlântica foi o viveirista Carlos Nogueira, que comprou uma área de nove hectares às margens do córrego São João, em Ibaté (SP), apenas para recuperar a mata ciliar que estava totalmente degradada. Em quase três anos, as árvores plantadas já chegam a quatro metros, nas duas margens do rio. A Associação de Proprietários da Reserva Ibirapitanga, em Santa Isabel (SP), recebeu, em doação, 75 mil mudas do programa, para um projeto de pro-

teção da mata nativa em uma área de 400 hectares. Em outra frente, como parte da linha de apoio a projetos de educação ambiental e atividades sustentáveis do Florestas do Futuro, a cidade de Resende (RJ) ganhou um viveiro comunitário com capacidade para produzir 400 mil mudas/ano, associada à geração de renda para moradores da região. Vinte e seis pessoas já trabalham no viveiro e na restauração das áreas degradadas e outras vêm atuando como agentes de campo, sensibilizando fazendeiros e produtores rurais da região sul-fluminense. ▶

Escola de Cabreúva

Uma escola de Cabreúva, na bacia dos rios Piracicaba/Capivari/Jundiá, adotou o Projeto Mata Ciliar como programa anual de meio ambiente e tem envolvido os alunos em várias atividades ligadas à conscientização e à recuperação de matas ciliares. “A maior parte de nossos alunos reside em área rural,

em que há falta de verde e muita erosão, por isso, ao sermos procurados pela equipe do Projeto Mata Ciliar, gostamos da idéia de fazer uma parceria”, conta Regina de Souza Fortunato, vice-diretora e coordenadora da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Ensino Infantil Miguel Elpidio da Costa.

Segundo Regina, os alu-

nos moram em lugares em que estão sendo realizados plantios do Projeto e com isso as crianças ajudam a conscientizar suas famílias para a importância da ação. “Eles também visitam os locais de plantio e plantam dentro da escola. Uma vez por semana, há uma aula específica sobre matas ciliares, mas integrada com as demais disciplinas”, diz. Um dos instrumentos utilizados em aula na EMEFEI Miguel Elpidio da Costa é o **Jornal Mata Ciliar**, que circula por todas as classes.

Para a coordenadora, o fato de o tema fazer parte da realidade das crianças e de haver ações concretas proporciona maior interesse dos alunos, o que se reflete na boa qualidade

dos trabalhos desenvolvidos. Uma mostra disso é o texto a seguir, produzido por Beatriz Daiana Faber Rosa, de 10 anos, aluna da terceira série:

PROJETO MATA CILIAR

A mata ciliar é uma vegetação que protege os rios e suas nascentes.

Este projeto está sendo organizado pelo governo do Estado de São Paulo. O objetivo é promover a recuperação da mata ciliar.

Os agricultores serão beneficiados com este projeto porque são eles que plantam, que molham e que ajudam a semente a crescer.

Nossa escola vai participar do Projeto Mata Ciliar. Nós vamos plantar árvores para o reflorestamento da mata ciliar.

Na nossa mata ciliar existem muitas coisas, como a biodiversidade, que é a variedade de espécies de animais ou vegetais existentes numa determinada região.

Se não cuidarmos da mata, podem acontecer muitos problemas, como: o aumento da temperatura pode provocar o derretimento das calotas polares e, com isso, a elevação do nível das águas dos oceanos, provocando inundações e até o desaparecimento de cidades litorâneas e outros graves problemas.

Nós lemos todas as edições do Jornal Mata Ciliar. Nele há várias notícias sobre o que pode acontecer com o Planeta, entrevistas, anotações etc. Devemos cuidar da natureza como a nossa família. A natureza faz parte da nossa vida.”

Beatriz Daiana Faber Rosa



Desde cedo, aprendendo a recuperar o meio ambiente



Escola em Cabreúva (SP) adota Projeto de Mata Ciliar nas aulas de meio ambiente





O produtor Orlando da Silveira, parceiro do Projeto Mata Ciliar

Reprodução

Parte do Sistema Cantareira, Joanópolis integra o Projeto Produtor de Água, primeira experiência de pagamento por serviços ambientais no Estado de São Paulo



Fotos: Leila Pires

Belas paisagens não escondem problemas ambientais

Localizado na Bacia dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá, a 125 quilômetros da capital, Joanópolis é um município agrícola, que vem ganhando importância como estância turística. A represa formada pelos Rios Jaguari e Jacaré, com área de 50 km², por exemplo, possui mirantes e atrativos para esportes náuticos. Além disso, a localização geográfica acidentada, com altitudes que variam entre 800 e 2.000 metros, com matas, riachos, cachoeiras e animais, faz com que seja destino para praticantes de caminhada por trilhas e alpinistas. Jipeiros e motociclistas também procuram as estradinhas recortadas da região. A principal atração é a Cachoeira dos Pretos, uma das maiores do Estado de São Paulo, com 154 metros de queda d'água. A cidade também é conhecida como a Terra do Lobisomem.

Essas belas paisagens, porém, guardam problemas ambientais, como a diminuição dos recursos hídricos, o assoreamento, o desmatamento, o parcelamento do solo em áreas de proteção ambiental, o lançamento de esgoto doméstico nos ribeirões e, em algumas atividades agrícolas, o uso indiscriminado de agrotóxicos. Além de começar a prejudicar as próprias atividades agrícola-



las da região, esses problemas ganharam maior importância porque Joanópolis é parte da Área de Proteção Ambiental (APA) Piracicaba/Juqueri-Mirim, por ser uma região que produz água do Sistema Cantareira, responsável pelo abastecimento de aproximadamente 60% da Região Metropolitana de São Paulo e parte da Região Metropolitana de Campinas.

A diminuição dos recursos hídricos, o assoreamento, o desmatamento e o uso indiscriminado de agrotóxicos são apenas alguns dos problemas que afetam Joanópolis

Por conta disso, uma de suas microbacias, a do Ribeirão Cancã, foi uma das 15 escolhidas para participar dos Projetos Demonstrativos dentro do Projeto de Recuperação de Matas Ciliares. Segundo Leila Pires, supervisora na Bacia dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (PCJ), 16 propriedades aderiram, até o momento, somando 11 hectares, que serão reflorestados com 11.500 mu-

das, produzidas no viveiro do Programa de Microbacias da CATI, também parceira no projeto de Matas Ciliares.

A entidade executora em Joanópolis é a Terceira Via, organização não-governamental local que atua na área de geração de renda, educação ambiental e de apoio às políticas públicas.

A recuperação das matas ciliares do Ribeirão Cancã ainda conta com parceria da Prefeitura de Joanópolis e do Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Educação e Conservação Ambiental (NACE/PTECA), da Esalq/USP, que já realizava atividades nas microbacias Cancã e Ribeirão dos Pretos voltadas para a implantação de agrossilvicultura. As atividades desenvolvidas por essa rede vão além da recuperação das matas ciliares: buscam a organização dos proprietários rurais, o fortalecimento da associação de produtores, atividades geradoras de renda e trabalho nas propriedades, orientando-se pelo uso sustentável dos recursos naturais.

Um curso de Pastoreio Reacional Voisin, realizado na microbacia, foi utilizado como estratégia para a recuperação das Áreas de Proteção Permanente (APP) nas margens do rio. O produtor Orlando Fernandes da Silveira, que em princípio não estava motivado

a recuperar as matas ciliares, após participar do curso e perceber que poderá melhorar a produtividade leiteira, cedeu sua propriedade para implantação de uma unidade demonstrativa em Voisin e se tor-

nou parceiro do Projeto Mata Ciliar.

A microbacia do Ribeirão Cancã tem 95 propriedades, das quais mais de 90% são de pequenos produtores familiares que, em sua maioria, desconhecem

técnicas conservacionistas do solo e da água. Dos 157,5 hectares de APPs, 87% precisam ser recompostos. A pecuária mista é a atividade mais representativa, apesar do baixo nível tecnológico. ▽

Serviços ambientais

Assim como Nazaré Paulista, Joanópolis faz parte do projeto **Produtor de Água**, a primeira experiência de pagamento por serviços ambientais no Estado de São Paulo, que está sendo implantada também em Extrema, em Minas Gerais. O projeto é uma parceria entre a Secretaria do Meio Ambiente, a CATI, a Agência Nacional de Águas (ANA), a ONG TNC, a Sabesp, o Comitê de Bacia do Piracicaba/Capivari/Jundiá, o Institu-

to de Florestas de Minas Gerais e a Prefeitura de Extrema, e conta com recursos de R\$ 500 mil para remunerar proprietários, durante cinco anos, por serviços como redução de erosão, conservação e diminuição da perda de solos, plantio de matas ciliares e conservação de remanescentes florestais.

Segundo Paulo Toledo, coordenador de Desenvolvimento de Políticas do Projeto Matas Ciliares, a participação de proprietários é voluntária e os interessados



Produtores são pagos pela recuperação da água e solo

devem se candidatar para concorrer aos recursos disponíveis, que podem representar um importante incentivo para a recuperação das matas ciliares locais. ▽

A lenda do lobisomem

Conta a lenda, muito conhecida em Joanópolis, que, quando uma mulher tem sete filhas e o oitavo filho é homem, o menino será um lobisomem. O mesmo acontece com o filho de mulher amancebada com um padre. Sempre pálido e magro, o lobisomem sai na noite de sexta-feira, transforma-se em um cachorro ou lobo e uiva para a lua. Quem estiver em seu caminho, deve rezar três Ave-Marias para se proteger.

Antes do nascer do sol, quando o galo can-

ta, o lobisomem volta ao mesmo lugar de onde partiu e se transforma outra vez em homem. É por isso que o caipira se deita cedo e levanta após o galo cantar...

A ligação de Joanópolis com o mito do lobisomem começou depois que a folclorista Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima defendeu tese de mestrado, para a Escola do Folclore de São Paulo, tendo o lobisomem em seu caminho, deve rezar três Ave-Marias para se proteger. Antes do nascer do sol, quando o galo can-



sobre o assunto passaram a ligar Joanópolis ao tema e surgiram a "lobomania" e a Associação dos Criadores de Lobisomem, além de bonecos, adesivos, camisetas e *souvenirs*. O lobisomem joanopolense, porém, deixou de ser amaldiçoado e passou a dar sorte, de mau passou a malandro, e de temido passou a amigo. ▽



Cachoeira dos Pretos



Represa Jaguari

Região de belezas naturais que ganha importância como estância turística

BANCO DE ÁREAS

Se você possui áreas degradadas e deseja recuperá-las sem custo, acesse o site : www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar

BANCO DE ÁREAS PARA RECUPERAÇÃO FLORESTAL



Entrevista

Jaeder Lopes Vieira



Exemplo de recuperação

Quando foi comprada pelo fotógrafo Sebastião Salgado e por sua mulher, Lélia Wanik, a Fazenda Bulcão, em Aimorés, Minas Gerais, era quase toda um pasto degradado. Dos 709 hectares, menos de um alqueire possuía floresta. Desde 1999, um processo de recuperação foi iniciado pelo Instituto Terra, organização não-governamental criada pelo casal e que administra a área, transformada, em 2004, em Reserva Particular de Recomposição Ambiental. Esse tipo de unidade de conservação foi criada pelo governo de Minas Gerais, que se inspirou na Fazenda Bulcão, e destina-se a áreas degradadas para recuperação. Jaeder Lopes Vieira, engenheiro agrônomo e gerente ambiental do Instituto Terra, conta ao jornal *Mata Ciliar* como está sendo feito o trabalho de recuperação das matas no local e os resultados conseguidos, que incluem o reaparecimento de nascentes já consideradas extintas.

Jornal Mata Ciliar – Quando teve início o projeto de recuperação da Fazenda Bulcão e o que foi feito desde então?

Jaeder Lopes Vieira – O trabalho intensivo teve início em 1999 e continua até hoje dentro da fazenda, que é uma reserva particular. Temos duas microbacias na propriedade, a do Córrego Bulcão e a do Córrego Constância. Ambos nascem na fazenda. Já recuperamos 100% da microbacia do Bulcão, dentro da propriedade, e estamos começando na do Constância. Até hoje, já foram plantadas 1.080.354 mudas de espécies nativas.

JMC – Quais foram os principais resultados ambientais já constatados na microbacia do córrego recuperado?

JLV – O melhor resultado é que o fluxo de água ficou mais homogêneo, ao longo do ano. Isso acontece porque a água agora está infiltrando no solo e retornando ao leito do rio devagar, em vez de descer toda na enxurrada, agravando ainda mais o assoreamento. Além disso, temos hoje cadastradas sete nascentes, no Córrego Bulcão, das quais existiam apenas três, quando começamos. As outras quatro retornaram à vazão depois do reflorestamento. A existência dessas nascentes já era conhecida por um antigo vaqueiro da fazenda, que hoje trabalha no jardim e foi confirmada. Na microbacia do Constância, que estamos começando a recuperar, temos duas nascentes identificadas e cadastradas.

JMC – Vocês monitoram a qualidade da água? Houve algum avanço também nesse sentido?

JLV – Sim. Fazemos, desde 2001, o monitoramento físico, químico e biológico da água e percebemos que vem diminuindo progressivamente o índice de coliformes fecais nas nascentes. No último levantamento, realizado na estação seca de 2007, das nove nascentes, apenas uma apresentou coliformes. Se levarmos em consideração que retiramos o gado do Constância, em 1994, e do Bulcão, em 1997, dá para perceber que não é tão simples recuperar a qualidade da água, pois demanda tempo. Mas o importante é que é possível e, apesar de parecer demorado, são apenas oito anos de reflorestamento, não é nem uma geração. Estamos a 2.000 metros em linha reta do Rio Doce, do qual os dois córregos são contribuintes, o que mostra a importância da recuperação para toda a região.

Em 6 anos, a AES Tietê produziu 5,5 mi de mudas, das quais 2,9 mi utilizadas no entorno dos reservatórios

Compensando a natureza

AES Tietê, empresa que administra dez usinas hidrelétricas no interior de São Paulo, conseguiu a aprovação da Organização das Nações Unidas (ONU) para a primeira metodologia de arborização e reflorestamento com espécies nativas válida para o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), no Brasil. Isso significa que a empresa poderá comercializar créditos de carbono a partir da recuperação dos 10 mil hectares de matas ciliares, que está realizando ao longo de suas represas.

O princípio da remoção de carbono da atmosfera se dá pela fotossíntese no processo de crescimento das árvores, fase em que elas retiram CO₂ (dióxido de carbono) - o principal gás de efeito estufa - da atmosfera. Cada tonelada de carbono retirada da atmosfera, além de mitigar o aquecimento global, vira um certificado que pode ser vendido a empresas ou países que tenham metas de diminuição de emissões a cumprir pelo Protocolo de Kyoto.

A metodologia, pioneira no mundo, vem sendo dis-

cutida há dois anos e meio, com o Grupo de Trabalho de Reflorestamento do MDL, da ONU, e será utilizada para reflorestar, com espécies nativas, cerca de 5.700 km de bordas de reservatórios, que constituem as Áreas de Preservação Permanente (APPs) no entorno das hidrelétricas da empresa, nas bacias dos Rios Tietê, Pardo e Grande. Dos dez mil hectares que a AES Tietê deve reflorestar, 1.450 hectares estão prontos e funcionam como piloto da metodologia aprovada.

Quando o projeto estiver totalmente implantado, a expectativa é que a empresa remova cerca de três milhões de toneladas de CO₂. “Esse volume equivale ao que a área metropolitana de São Paulo emite por ano”, diz Demóstenes Barbosa da Silva, diretor de Gestão Ambiental e Créditos de Carbono da AES Brasil – grupo do qual a AES Tietê faz parte.

Segundo o presidente do Grupo AES, Britaldo Soares, a metodologia está à disposição de todos os interessados. “É um método abrangente e pode apoiar projetos de re-

florestamento em qualquer parte do mundo, desde que seja em áreas protegidas ou reservas. É uma contribuição da AES para o reequilíbrio ambiental do planeta”, afirma.

Nos últimos seis anos, a empresa produziu 5,5 milhões de mudas, das quais 2,9 milhões foram utilizadas no reflorestamento de áreas no entorno dos reservatórios das usinas e 2,6 milhões no desenvolvimento de plantações em outras áreas nos vales dos Rios Tietê, Pardo e Grande. Anualmente, os técnicos da empresa coletam sementes de 80 a 126 espécies da Mata Atlântica e do Cerrado. Essas sementes são tratadas no banco de sementes que a AES mantém em Promissão, interior de São Paulo, no qual é estimulada a germinação de mudas para o reflorestamento.

“Vamos necessitar de 16 milhões de mudas para reflorestar todas as nossas



Eclusa de Nova Avanhandava (SP)

áreas protegidas nas margens dos nossos reservatórios. Também queremos reflorestar áreas de Mata Atlântica no entorno dos nossos reservatórios, criando corredores de biodiversidade que poderão interligar áreas remanescentes de habitats da fauna silvestre às margens das nossas represas”, diz o diretor de Gestão Ambiental e Créditos de Carbono. A expectativa da AES Tietê é reflorestar entre 1.500 e 2.000 hectares por ano. ▶

ÁGUA E NATUREZA

“Olá, meus amigos, amigas ouvintes do Sintonia Verde. Sintonia Verde é um programa importante. Quem tá falando aqui é o Sérgio Reis. Eu quero deixar um recado pra vocês: Como é que nós vamos

cuidar da nossa água? Das nossas matas? Essas matas que protegem a água, principalmente. Os peixes?! A qualidade de vida das futuras gerações? Várias ações estão sendo realizadas para preservar o meio ambiente: entre em sintonia! ▶▶

Sérgio Reis

Depoimento de Sérgio Reis ao programa de rádio Sintonia Verde. Para ouvir outros relatos e entrevistas sobre a Mata Ciliar, acesse: www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar

CARTAS e E-MAILS

Correspondências com sugestões e críticas podem ser enviadas para:

JORNAL MATA CILIAR
R. Lavradio, 105 - Pacaembu
CEP: 01154-020 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3666-0993

E-mail:
matasciliares@ambiente.sp.gov.br



SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE



www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar

EXPEDIENTE: O Jornal Mata Ciliar é uma publicação da Secretaria de Estado do Meio Ambiente de São Paulo e produzido pela SK&C Editora Ltda. **Diretor:** Lie Liong Khing - **Editora:** Denise Góes - MTb: 14.329 - **Reportagem:** Maura Campanili. Conceitos e opiniões emitidos por entrevistados e colaboradores não refletem, necessariamente, a opinião do jornal e de seus editores. Para obter mais exemplares do jornal, entre em contato conosco ou procure nos locais de distribuição, relacionados no site www.ambiente.sp.gov.br. **Textos podem ser reproduzidos, citando a fonte: Jornal Mata Ciliar/SMA.**